

Simonsen condena idéia de pedido de moratória

O máximo que o País poderia ganhar com a moratória é algo em torno de US\$ 5 bilhões anuais relativos aos juros não pagos. Em compensação, perderia os créditos comerciais, o fluxo de financiamentos de organismos oficiais seria interrompido, além do risco de retaliações dos credores, envolvendo navios, aviões e até filiais de bancos no Exterior. Assim, o balanço entre as vantagens e desvantagens da moratória é amplamente desfavorável à sua adoção, garantiu ontem, em São Paulo, o ex-ministro Mário Henrique Simonsen, após palestra, no Maksoud Plaza, como convidado especial à solenidade comemorativa dos 55 anos da Corretora Souza Barros.

Para Simonsen, os defensores da moratória costumam superestimar a importância da dívida externa brasileira, que representa menos de 2% do

PIB dos credores e não ultrapassa 10% do total dos débitos internacionais.

Durante a sua exposição, que durou mais de uma hora, Simonsen fez um retrospecto do sistema financeiro internacional de Bretton Woods até hoje e classificou de interessante a proposta de Norman Bailly, do Conselho de Segurança dos Estados Unidos, no sentido de que os grandes devedores destaquem parte de sua receita de exportação para amortização de suas dívidas.

Apesar das dificuldades operacionais para executar tal proposta, ela toca, segundo o ex-ministro, em dois pontos fundamentais para os devedores: qualquer um deles só pode pagar sua dívida usando parte de suas exportações e nenhum deles está disposto a abrir mão do total de suas vendas para o Exterior.

As dificuldades resumem-se em determinar o percentual das exportações que cada devedor destinaria à amortização de sua dívida e em saber se o crescimento das exportações dos devedores será maior do que o das taxas de juros. "Se, por exemplo, elas crescerem a uma média anual superior a 6,25%, as dívidas tornar-se-ão impagáveis. Todavia, se as taxas de juros crescerem na mesma proporção do aumento das exportações, a dívida externa brasileira poderá ser paga em 16 anos, destinando-se 25% das vendas para o Exterior para esse fim", concluiu Simonsen.



Arquivo

"Perdas não compensariam"